

CARTA IBGE



Ano V • Nº 63

jan / fev • 2000

Em dez anos, Sudeste perde 5 pontos percentuais de participação no emprego industrial

São Paulo é responsável pela maior redução relativa no emprego industrial, diminuindo sua participação de 46,9% em 1985 para 42,0% em 1996. Apesar disso, o estado mantém a sua posição na produção nacional, com participação de 49,5%, aumentando sua produtividade, que é 18% superior à média nacional.

Essa perda da região Sudeste, verificada no período de 1985 a 1996, é acompanhada, simultaneamente, por um crescimento na importância relativa das regiões Sul, Nordeste e Centro-Oeste, mantendo-se estável na região Norte. Esses são alguns dos resultados da **Pesquisa Industrial Anual/96**, lançada em março, que fez um corte estrutural do setor mais formal da economia brasileira - a indústria.

As grandes empresas respondem por quase metade da receita líquida das vendas

O Brasil tem cerca de 108 mil empresas industriais, que empregam mais de 5,1 milhões de pessoas. Desse total, cerca de 78,4% é de empresas de médio e pequeno porte, que empregam menos de 30 pessoas. Apenas 0,5% das empresas industriais empregam 1.000 pessoas ou mais.

Em compensação, o primeiro grupo responde por 6,8% da receita líquida das vendas, enquanto o segundo grupo, das grandes empresas industriais, por 47,1%.

Segundo a pesquisa, em 1996, o total da receita líquida de vendas das 108 mil indústrias foi de R\$ 360 bilhões.

Os 5,1 milhões de trabalhadores na indústria receberam, em 1996, R\$ 48 bilhões em salários e retiradas, resultando num salário médio mensal de 6,7 mínimos. Entre os diversos ramos de atividade, no entanto, estão salários bem diferenciados.

Os setores que melhor remuneraram o trabalho são também os que apresentam produtividade bem acima da média industrial brasileira (R\$ 31 mil por trabalhador), como extração de minerais metálicos (124,1% acima da média global da indústria); refino de petróleo e produção de álcool (131,2%); e produtos químicos (122,6%). Inversamente, no outro extremo estão os que

pagam os menores salários e que, simultaneamente, apresentam baixa produtividade, como os setores têxtil (41,9% abaixo da média); confecção e vestuário (69,1%); couro e calçados (57,3%); e madeira (66,3%).

Carta IBGE será reformulada

Depois de seis anos divulgando os dados conjunturais e estruturais do país produzidos pelo IBGE, a Carta interrompe, temporariamente, sua edição e circulação, a fim de melhor se adequar à nova realidade da Instituição.

O IBGE informa que todos os dados estarão sempre disponíveis na Internet, através do endereço <http://www.ibge.gov.br>.

Produto Interno Bruto brasileiro cresce 0,82% em 1999

Essa taxa acumulada no ano foi resultante do crescimento da Agropecuária (8,99%) e dos Serviços (1,07%) e da queda da Indústria (-1,66%). No desempenho acumulado por subgrupos, pode-se destacar crescimento das Lavouras (11,26%), Comunicações (8,64%) e Produção Animal (5,73%) e decréscimo da Construção Civil (-3,61%) e Transformação (-1,25%).

No último trimestre do ano, o PIB, na série com ajuste sazonal, apresentou variação de 1,42% com relação ao trimestre anterior - a quarta variação positiva no ano. Nessa comparação, o único grupo a apresentar queda no quarto trimestre foi a Agropecuária, como reflexo da variação no subgrupo de Produção Animal (-5,72%). A Indústria e os Serviços tiveram crescimento de 2,55% e 1,30%, respectivamente.

Com relação ao 4º trimestre de 98, houve crescimento nos três grupos

A variação em volume do PIB, no quarto trimestre de 1999, foi de 3,13% em relação ao mesmo trimestre de 1998. Este resultado foi determinado pelo crescimento dos três grupos: Agropecuária (14,87%), Indústria (3,27%) e Serviços (1,82%). Entre os subgrupos de maior peso no PIB, pode-se destacar o crescimento da Lavoura (29,67%), da Indústria de Transformação (5,52%) e de Comunicações (4,02%).

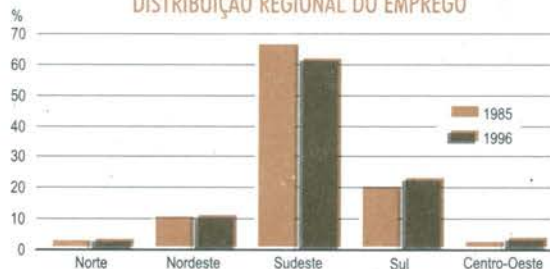
O Quadro Resumo apresenta os principais resultados para o PIB, referentes aos últimos cinco trimestres das séries calculadas:

QUADRO RESUMO DO 4º TRIMESTRE DE 1998 AO 4º TRIMESTRE DE 1999

	Tri4/98	Tri1/99	Tri2/99	Tri3/99	Tri4/99
Trim./ trim. imediatam. anter. c/ ajuste sazonal	-1,69	1,80	0,89	0,02	1,42
Trim./ igual trimestre do ano anterior	-2,16	0,65	-0,22	-0,18	3,13
Acumulado até trim. / igual período ano anter.	0,05	0,65	0,20	0,07	0,82

A taxa anualizada do Produto Interno Bruto (variações acumuladas em quatro trimestres), evidencia uma inflexão no processo de desaceleração, iniciado no primeiro trimestre de 1999.

DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DO EMPREGO



As poucas empresas diversificadas têm elevado peso na indústria nacional

Das 108.000 empresas industriais, 105.000 (97%) atuam em apenas uma atividade. Somente 2.800 empresas (3%) operam em mais de um setor. Apesar de pouco numerosas, no entanto, as empresas diversificadas têm elevada participação no emprego (23,5%), no salário (31,0%) e na receita (35%).

Na década, o setor de alimentos e bebidas foi o que mais se destacou

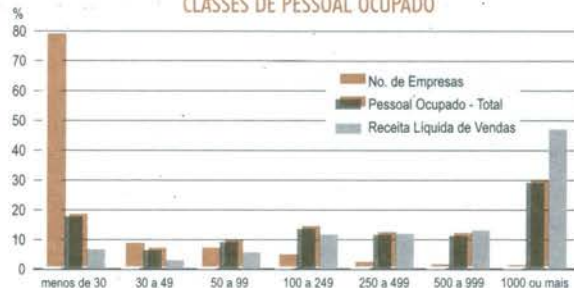
Do Censo Econômico de 1985 à recente pesquisa industrial de 1996, as principais mudanças na estrutura produtiva e no emprego industrial foram o crescimento da participação das indústrias de alimentos e bebidas na totalidade do emprego e da produção industrial, aumentando sua participação no emprego em quatro pontos percentuais (de 13,9% para 17,9%) e na produção em seis pontos percentuais (de 11,2% para 17,6%).

A atividade de edição e impressão também registrou aumentos, embora mais discretos, tanto em termos do emprego quanto da produção, passando de 2,9% para 3,8% e de 1,9% para 4,6%, respectivamente.

Além dessas duas atividades, os setores que se mostraram mais dinâmicos, no período de 1985 a 1996, aumentando em mais um ponto percentual sua participação no total da produção industrial, foram: fabricação de veículos, produtos químicos e material eletrônico e de comunicação.

Dentre as que mais perdem participação na produção e no emprego industrial encontram-se indústrias expostas à competitividade externa, como têxtil, que perde 1,4 ponto percentual no emprego e 2,7 pontos percentuais na produção e máquinas e equipamentos, com redução de 1,3 p.p. no emprego e 0,6 p.p. na produção.

CLASSES DE PESSOAL OCUPADO



■ CONJUNTURA AGRÍCOLA

Safra de grãos de 1999, uma das maiores já obtidas no país

A produção total de cereais, leguminosas e oleaginosas (algodão herbáceo, amendoim, arroz, feijão, mamona, milho, soja, aveia, centeio, cevada, sorgo e trigo alcançou 82,568 milhões de toneladas em 1999, superior em 9,83% ao total obtido em 1998 (75,178 milhões de toneladas).

Em termos absolutos, a produção de cereais, leguminosas e oleaginosas está assim distribuída: região Sul, 37,751 milhões de toneladas; Centro-Oeste, 24,122 milhões de toneladas; Sudeste, 12,507 milhões de toneladas; Nordeste, 5,815 milhões de toneladas e Norte, 2,373 milhões de toneladas.

Contribuíram para o aumento da produção, as boas condições climáticas nos principais pólos produtores do país, notadamente para o arroz no Rio Grande do Sul e Mato Grosso. Para as demais culturas, além do clima, a utilização de insumos e tecnologias como novas variedades de sementes, o emprego de fertilizantes e calcários em dosagens adequadas e o plantio direto com rotação de cultura, principalmente para a soja e milho também contribuíram para esse bom resultado da safra de 1999, uma das maiores já obtidas no país.

Estimativa de área para a safra 2000 dos principais produtos agrícolas

No terceiro levantamento de informações, realizado no mês de dezembro para as regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e estado de Rondônia, sobre as áreas plantadas e a serem plantadas para a safra de 2000, a estimativa para os 13 produtos considerados (algodão herbáceo, amendoim 1ª safra, arroz, batata inglesa 1ª safra, cana-de-açúcar, cebola, feijão 1ª safra, fumo, mamona, mandioca, milho 1ª safra, soja e tomate) é de 28,332 milhões de hectares, menor 0,70% do que a área plantada para a safra de 1999. Se a comparação for feita com a área colhida (28,289 milhões de hectares), a área plantada para a safra de 2000 passa a apresentar um ligeiro crescimento (0,15%).

O cenário permanece preocupante, em decorrência das irregularidades climáticas ocorridas no segundo semestre de 1999, mais precisamente na região Sul e, com maior gravidade, no Rio Grande do Sul. Neste estado, já existem regiões com perdas irreversíveis em suas produções. A cultura do milho é a mais atingida, vindo em seguida o feijão e a soja. Nos municípios mais afetados pelo déficit hídrico do solo, as observações técnicas indicam que, mesmo voltando a chover regularmente nos próximos meses, não há possibilidade de se reverter o decréscimo das produtividades.

■ INFLAÇÃO

Inflação de janeiro quase não variou com relação a dezembro de 1999

Em janeiro, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou 0,62% contra 0,60%, em dezembro. A taxa dos últimos 12 meses ficou em 8,85%. Em janeiro do ano passado, o IPCA havia registrado 0,70%.

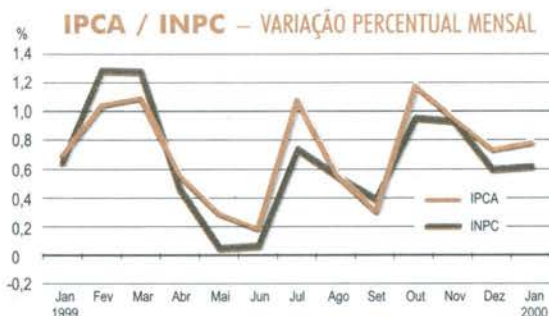
O maior índice regional ficou com Brasília (1,06%), onde foram registrados resultados acima da média nacional nos grupos Alimentação e Bebidas (1,76%), Artigos de Residência (0,91%), Vestuário (0,85%) e nos produtos farmacêuticos (13,21%). O menor índice ficou com a região metropolitana de Curitiba (0,37%), que apontou o menor crescimento de preços nos alimentos (0,36%) e apresentou queda de 0,74% nos aluguéis residenciais.

A tabela a seguir mostra os resultados nas onze áreas pesquisadas.

REGIÃO	Variação Mensal (%)	
	Dezembro 1999	Janeiro 2000
Brasília	0,59	1,06
Belo Horizonte	0,55	0,92
São Paulo	0,49	0,67
Porto Alegre	0,43	0,60
Rio de Janeiro	0,63	0,58
Belém	1,18	0,58
Fortaleza	0,53	0,50
Goiânia	0,73	0,48
Salvador	0,95	0,46
Recife	0,79	0,43
Curitiba	0,58	0,37

Quanto ao INPC, a taxa foi de 0,61% em janeiro, contra 0,74% em dezembro

Com este resultado, a taxa dos últimos doze meses situou-se em 8,39%. Em janeiro de 1999, o INPC havia registrado variação de 0,65%. O maior índice regional foi verificado em Brasília (1,34%) e o menor em Goiânia (0,29%).



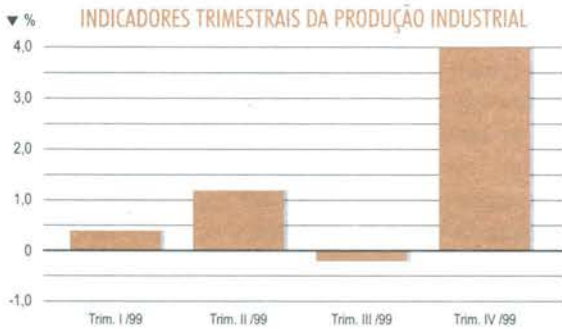
■ **INDÚSTRIA**

Produção industrial brasileira fecha o ano em -0,7%

Embora negativo, esse resultado (-0,7% em relação a 1998), reflete uma melhora no desempenho ao longo do ano. No primeiro semestre o setor apresentou redução de 3,2% contra o crescimento 1,6% no segundo semestre.

Especificamente em relação ao comportamento da atividade industrial em dezembro, os indicadores também são favoráveis: há um acréscimo de 3,1% em relação a novembro, na série sazonalmente ajustada, e um crescimento de 8,8% frente a dezembro de 1998. Se o resultado positivo da comparação com dezembro de 1998 já era esperado, em função do forte declínio na atividade fabril que caracterizou aquele período, a sua magnitude reflete também a recuperação no ritmo de produção que se vem observando nos últimos meses de 1999.

A evolução dos índices trimestrais confirma a reação do setor ao longo, principalmente, dos últimos meses de 1999. Já descontadas as influências sazonais, a produção global apresentou 4,0% de crescimento entre os dois últimos trimestres do ano passado.



As áreas onde esse movimento de reativação do ritmo produtivo é mais forte são as de bens intermediários, duráveis de consumo e bens de capital. Entre o segundo e o quarto trimestres do ano passado, na série livre de influências sazonais, o indicador para o total da indústria avança 3,8%. Nessa mesma base de comparação, bens de capital (6,7%), bens intermediários (5,3%) e bens de consumo duráveis (11,5%) superam a média total da indústria, enquanto bens semiduráveis e não-duráveis recuam 2,9%.

Importante ressaltar que enquanto nas áreas de bens de capital e, principalmente, na de bens de consumo duráveis essa recuperação se dá sobre uma base de comparação bastante reduzida, no caso dos bens intermediários, a redução da atividade na fase anterior (de fins de 1998 ao início de 1999) foi bem mais suave. Não por acaso, é essa categoria que concentra grande parte de nossas exportações industriais.

■ **COMÉRCIO VAREJISTA**

Comércio fechou 1999 com resultados negativos

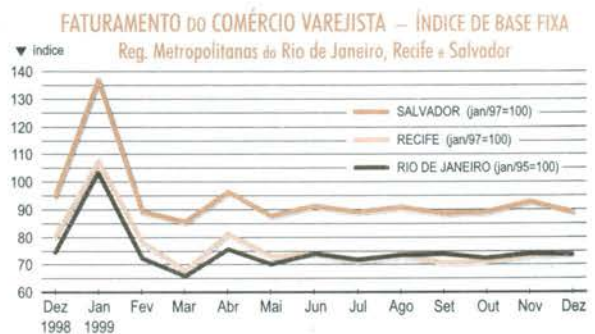
Apesar dos expressivos aumentos nas vendas entre novembro e dezembro, devido ao efeito sazonal de final de ano, estas não foram suficientes para alterar o quadro desfavorável de 1999 com relação a 1998.

As taxas de faturamento real de dezembro, com relação a novembro foram de 44,3% em Salvador, 38,4% em Recife e 38,3% no Rio de Janeiro. No entanto, quando se compara o acumulado do ano de 1999 contra igual período de 1998, as taxas são todas negativas, com a região metropolitana de Recife apresentando a pior performance do varejo (-10,6%). Por esse mesmo indicador, Salvador registrou decréscimo no faturamento real de -4,4% e o Rio de Janeiro, de -3,2%.

Nível de emprego cresce pouco em dezembro

O movimento expansivo das vendas de final de ano exerceu reduzido impacto sobre o nível de emprego do setor varejista, com taxas bem discretas nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro (1,1%) e de Recife (0,3%). Apenas em Salvador o acréscimo no número de pessoas ocupadas revelou-se significativo, com taxa de 2,8% em relação a novembro. Na comparação anual, o Rio de Janeiro se destaca com a menor taxa de desocupação do setor (-3,3%), enquanto Salvador e Recife assinalaram variações de -7,1% e -10,1%.

Com relação à folha de salários e demais remunerações, embora os números de dezembro com relação a novembro tenham sido positivos em todas as regiões, devido ao pagamento do 13º e das comissões pagas, o mesmo não se verificou quanto ao resultado anual. Com exceção do Rio de Janeiro, que registrou números positivos em todas as comparações: 24,8% sobre novembro e 5,2% no acumulado 99/98, as outras duas regiões metropolitanas pesquisadas apresentaram taxas negativas. A maior retração na massa de salários pagos em 1999 ocorreu em Recife, que fechou o ano com -13,4% com relação a novembro e -9,0% na comparação 99/98. Em Salvador, apesar do resultado positivo com relação ao mês anterior (26,2%), o ano de 1999 fechou com -4,9% na comparação com 1998.



INDÚSTRIA REGIONAL

Em 1999, a produção industrial cresceu em nove das 12 regiões

A liderança do desempenho industrial foi ocupada pelo Espírito Santo, onde a expansão chegou aos 9,0%. Em segundo lugar esteve o Rio de Janeiro, com acréscimo de 6,1%.

Com resultados positivos figuram ainda: Ceará (4,0%), região Sul (2,4%), Rio Grande do Sul (2,2%), Santa Catarina (1,8%), Minas Gerais (1,1%), Bahia (0,3%) e Pernambuco (0,2%). Ressalte-se a significativa melhora no ritmo de produção assinalada pela indústria mineira que, no fechamento do primeiro semestre, revelava a segunda pior marca entre os locais pesquisados, ao se reduzir 4,1%. No Espírito Santo, onde a indústria tem uma forte presença de itens com produção voltada para o mercado externo, o estado foi beneficiado pela desvalorização cambial de janeiro passado. No Rio de Janeiro, o acréscimo de 6,1% está apoiado no aumento da extração de petróleo e gás natural.

Das áreas com resultados negativos, a queda mais acentuada ocorreu em São Paulo

Com resultados negativos, no indicador acumulado para 1999, a redução mais acentuada ocorreu em São Paulo, o principal parque fabril, com queda anual de 4,2%, devido à forte presença de bens de capital e de duráveis de consumo, áreas bastante atingidas pela elevação na taxa de juros. Com resultados negativos, encontram-se também o Paraná (-1,2%) e a região Nordeste (-0,3%).

Recuperação industrial ocorreu no último trimestre de 1999

A região Nordeste, que vinha, ao longo do ano passado, apresentando desaceleração no ritmo de crescimento, atingindo seu pior resultado no terceiro trimestre (-2,9%), interrompe essa trajetória no último trimestre, com expansão de 0,7%. O mesmo ocorrendo com os parques industriais do Ceará e da Bahia, que registraram significativas melhoras no ritmo de produção entre o terceiro e o quarto trimestres (de 0,5% para 10,4% e de -4,4% para 2,4%, respectivamente). Pernambuco, ao contrário da maior parte dos locais pesquisados, sofreu perda de dinamismo na atividade industrial do terceiro (0,4%) para o quarto (-1,1%) trimestre do ano passado.

Em Minas Gerais, a evolução dos índices trimestrais indica expansão de 10,4% no último trimestre, garantindo assim o resultado anual positivo. Também os resultados de dezembro da indústria do Espírito Santo confirmam o quadro favorável apresentado ao longo do ano. Nesse estado, a análise do índice trimestral (trimestre/igual trimestre do ano anterior) revela que suas taxas foram crescentes ao longo do ano: 4,8% (1º trimestre), 6,3% (2º trimestre), 8,4% (3º trimestre) e 16,9% (4º trimestre).

Já o desempenho da indústria fluminense, tomando-se os índices em bases trimestrais, foi sempre positivo,

embora declinante ao longo do ano. Na ligeira reação do último trimestre, já se verifica a influência da indústria de transformação, com a extrativa mineral indicando tendência de queda. No corte trimestral também é clara, em São Paulo, a influência da base de comparação deprimida (meses finais de 1998). O total da indústria passa de uma retração de 5,2% no terceiro trimestre do ano passado para um crescimento de 5,0% no último.

Na região Sul, os resultados trimestrais, ao longo do ano, foram oscilantes embora sempre positivos a partir de abril. A indústria do Paraná, no que se refere ao índice trimestral, tem queda de 4,3% no período outubro-dezembro, resultado que se mantém estável em relação ao do terceiro trimestre (-4,2%). Já a indústria catarinense apresenta, no último trimestre de 1999, um aumento de 2,9%, resultado superior ao do terceiro trimestre (1,2%). E, no Rio Grande do Sul, no que diz respeito ao desempenho da indústria no último trimestre do ano, houve aumento de 9,4%, resultado bem superior ao do período julho-setembro (1,9%).

CONSTRUÇÃO CIVIL

Construção Civil encerra o ano com aumento de 7,87%

O custo nacional da construção civil subiu 0,91% em dezembro, com o metro quadrado do canteiro de obras custando, em média, R\$ 305,10.

As regiões Nordeste (1,24%), Norte (1,17%) e Sul (1,14%) apresentaram variações mensais acima da média nacional (0,91%), enquanto que o Centro-Oeste (0,89%) e Sudeste (0,60%), registraram taxas mais baixas. No acumulado de 1999, a região Sudeste teve a maior alta (9,10%) encerrando o ano também com o custo mais elevado (R\$ 327,14). Quanto ao mais baixo, situou-se na região Nordeste, com R\$ 272,65. Os demais custos regionais, em ordem decrescente, foram: R\$ 318,16 (Sul); R\$ 300,14 (Norte) e R\$ 286,84 (Centro-Oeste).

Dezembro manteve-se na mesma situação de novembro, com todas as variações mensais positivas, situadas no intervalo entre os 0,05% do Distrito Federal e os 2,92% de Roraima, estado que, além de ficar com a variação mais elevada do mês, encerra o ano com o custo mais alto, de R\$ 366,91. Por outro lado, o menor custo por metro quadrado coube ao Piauí, com R\$ 237,56, seguido por Sergipe (R\$ 239,20) e Espírito Santo (R\$ 246,20).

Emprego industrial reduz o ritmo de queda nos últimos meses de 1999

Embora 1999 tenha registrado uma redução de 7,3% nos postos de trabalho na indústria, ela foi menos intensa que a observada em 1998 (-9,1%). Em dezembro, o setor industrial volta a reduzir o número de trabalhadores em 0,9%, após três meses mostrando expansão. Vale lembrar, no entanto, que, historicamente, entre os últimos dois meses do ano este movimento de queda sempre esteve presente.

Pela evolução dos índices trimestrais, verifica-se uma diminuição no ritmo de queda do emprego industrial ao longo de 1999, sendo mais intensa na passagem do terceiro (-7,0%) para o quarto (-4,1%) trimestre. Este movimento de melhora está presente em vinte dos vinte e dois setores investigados, com destaque para material de transporte, que passa de -11,3% no terceiro trimestre para -5,8% no quarto, madeira (de -9,2% para -3,1%) e borracha (de -3,4% para 2,1%).

No ano de 1999, todos os setores investigados mostraram perdas no contingente de trabalhadores, ficando as maiores com as indústrias do complexo metal-mecânico, que também mais reduziram a produção no ano passado: mecânica (-12,3%), metalúrgica (-11,9%), material elétrico e de comunicações (-11,5%) e material de transporte (-11,1%).

Em nível regional, a redução no número de trabalhadores em 1999 também foi generalizada. O fechamento de vagas foi mais intenso nas indústrias de Minas Gerais (-9,3%) e de São Paulo (-8,0%), áreas onde a queda na produção foi mais pronunciada. No Rio de Janeiro e no Nordeste, o número de trabalhadores decresceu 7,7% e apenas na região Sul o ritmo de demissões (-5,0%) foi menos acentuado que no total do país (-7,3%).

Salário médio da indústria cai 2,8% em 1999

Em relação ao salário médio pago pela indústria, há uma expansão 0,1% de novembro para dezembro e quedas nos demais comparativos: -4,9% frente a dezembro de 1998 e -2,8% no acumulado do ano. Vale lembrar que, em 1999, o salário por trabalhador apresenta a primeira redução anual desde 1992.

No fechamento de 1999, o total de salários da indústria brasileira se retraiu 10,0% em termos reais, com recuos em todos os locais pesquisados. As indústrias de Minas Gerais e de São Paulo, onde o corte no emprego foi mais acentuado, foram as que mais reduziram a massa salarial: -11,4% e -11,0%, respectivamente. Nos demais locais as quedas foram de: -9,9% no Rio de Janeiro, -8,4% no Nordeste e -6,6% na região Sul.

Taxa de desemprego foi de 7,6% em janeiro

O número de pessoas trabalhando caiu 1,6% em janeiro, com relação a dezembro de 99, enquanto aumentou em 21,7% o número de pessoas procurando trabalho. Isso fez com que a taxa média de desemprego aberto passasse de 6,3% para 7,6%, provocando uma ligeira queda (33 mil pessoas) no número de pessoas economicamente ativas (PEA).

Com relação a janeiro de 1999, houve um aumento de 433 mil pessoas no mercado de trabalho. Desse contingente, 423 mil estavam trabalhando e 10 mil procurando trabalho. Do acréscimo de pessoas ocupadas, 80,8% estão no setor de serviços e 78% não têm carteira de trabalho assinada.

O crescimento da ocupação, de janeiro do ano passado para janeiro deste ano, foi alavancado pelas variações nos serviços (3,9%), na indústria de transformação (2,2%) e na construção civil (0,8%). Ressalte-se que, após meses de queda, a indústria apresenta variação positiva pelo terceiro mês consecutivo. Ao contrário, o comércio, no mesmo período, apresenta variação negativa. O setor de serviços continua em expansão.

Dentre as categorias de ocupação, influenciaram o resultado as variações no número de empregados sem carteira de trabalho assinada (8,0%), de empregados com carteira de trabalho assinada e de pessoas que trabalharam por conta própria, em torno de 1%. Após quase dois anos de queda, o número de empregados com carteira voltou a crescer. Continua em expansão o número de trabalhadores inseridos nas outras duas categorias.

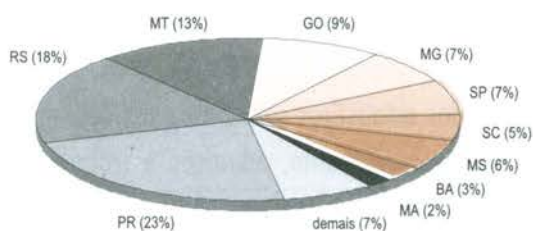
O rendimento médio real das pessoas ocupadas, seguindo o padrão sazonal de fim de ano, aumentou de novembro para dezembro do ano passado (6,4%) e caiu de dezembro de 1998 para dezembro de 1999 (-7,8%).

Na primeira comparação, o rendimento dos empregados com carteira de trabalho assinada aumentou 9,4%; o dos empregados sem carteira de trabalho assinada, 4,0%; e o das pessoas que trabalharam por conta própria, 1,8%.

Na segunda comparação, janeiro de 98/99, a queda foi generalizada: conta própria, -10,0%; e empregados com e sem carteira de trabalho assinada, -6,2%. Encerra-se o ano de 1999 com queda de 5,5% no rendimento dos trabalhadores das seis regiões metropolitanas pesquisadas. Dentre as categorias de ocupação, verifica-se queda de 7,3% para as pessoas que trabalharam por conta própria, de 4,3% para os empregados com carteira de trabalho assinada e de 1,4% para os empregados sem carteira de trabalho assinada.

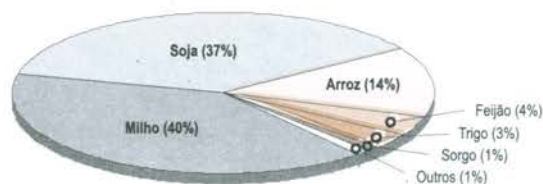
PRODUÇÃO DE CEREAIS, LEGUMINOSAS E OLEAGINOSAS

Participação das Unidades da Federação – 1999



PRODUÇÃO DE CEREAIS, LEGUMINOSAS E OLEAGINOSAS

Participação dos Produtos – 1999



TAXA ANUALIZADA DO PIB – TRIMESTRES



INDICADORES CONJUNTURAIS

	PERÍODO DE REFERÊNCIA	NÍVEL	VARIÇÃO EM RELAÇÃO AO PERÍODO ANTERIOR (%)	VARIÇÃO EM RELAÇÃO AO MESMO PERÍODO DO ANO ANTERIOR (%)
■ PRODUTO INTERNO BRUTO (1990=100) (**)				
Total	1999-IV	126,20 (1)	1,42 (1)	3,13 (2)
Agropecuária	1999-IV	128,80 (1)	-1,37 (1)	14,87 (2)
Indústria	1999-IV	120,81 (1)	2,55 (1)	3,27 (2)
Serviços	1999-IV	125,37 (1)	1,30 (1)	1,82 (2)
■ PRODUÇÃO AGRÍCOLA (milhões de toneladas) (*)				
Total de Cereais, Leguminosas e Oleaginosas (3)	Dez/99	82,568	—	9,83 (4)
	Jan/00	83,670	—	1,33 (4)
■ PRODUÇÃO INDUSTRIAL (média de 1991=100) (*)				
Total	Dez/99	111,93	3,09 (1)	8,84
Bens de Capital	Dez/99	98,27	4,61 (1)	17,97
Bens Intermediários	Dez/99	115,42	2,66 (1)	11,28
Bens de Consumo Duráveis	Dez/99	108,76	0,37 (1)	6,87
Bens de Consumo Não-duráveis	Dez/99	106,37	2,93 (1)	-2,90
■ COMÉRCIO VAREJISTA – Rio de Janeiro (jan/95=100) (*)				
Faturamento (5)	Dez/99	101,50	38,34	-1,79
Emprego	Dez/99	81,10	1,06	-2,25
Salários e Outras Remunerações (5)	Dez/99	162,22	24,82	0,90
■ COMÉRCIO VAREJISTA – Recife (jan/97=100) (*)				
Faturamento (6)	Dez/99	101,47	38,42	-5,55
Emprego	Dez/99	73,77	-0,26	-12,73
Salários e Outras Remunerações (6)	Dez/99	117,37	13,35	-15,04
■ COMÉRCIO VAREJISTA – Salvador (jan/97=100) (*)				
Faturamento (7)	Dez/99	132,00	44,33	-3,48
Emprego	Dez/99	84,29	2,76	-4,03
Salários e Outras Remunerações (7)	Dez/99	133,90	26,23	-10,00
■ MERCADO DE TRABALHO (*)				
Taxa Média de Desemprego Aberto (%) (8)	Jan/00	7,60	21,50	-1,30
Rendimento Médio Real (jul/94=100) (9)	Dez/99	129,00	6,40	-7,90
Empregados com Carteira Assinada	Dez/99	128,50	9,40	-6,30
Empregados sem Carteira Assinada	Dez/99	142,50	4,00	-6,20
Conta-própria	Dez/99	128,30	1,80	-10,01
Emprego Industrial (1985=100) (10)	Dez/99	57,01	-0,94	-2,91
Salário Médio Real na Indústria (1985=100) (11)	Dez/99	119,04	0,05	-4,86
■ PREÇOS				
Índice de Preços ao Consumidor – INPC (dez/93=100) (12)	Jan/00	1.598,24	0,61 (12)	8,39 (13)
Índice de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA (dez/93=100) (12)	Jan/00	1.598,41	0,62 (12)	8,85 (13)
Índice de Preços ao Consumidor Amplo Especial – IPCA-E	Out-Dez/99	—	2,72 (14)	—
Custo Médio da Construção Civil (R\$/m²) (14)	Dez/99	305,10	0,91 (12)	7,87 (15)

NOTAS: (1) Série com ajuste sazonal. (2) Série encadeada do índice trimestral. (3) Estimativa no mês de referência para a produção total esperada no ano em curso (caroço de algodão, soja, milho, trigo, arroz, feijão, amendoim, mamona, aveia, centeio, cevada, sorgo). (4) Variação em relação à produção obtida no ano anterior. (5) Deflacionado pelo IPCA da região metropolitana do Rio de Janeiro. (6) Deflacionado pelo IPCA da região metropolitana de Recife. (7) Deflacionado pelo IPCA da região metropolitana de Salvador. (8) Taxa média de desemprego aberto (semana), abrangendo regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. (9) Rendimento do trabalho principal das pessoas ocupadas, deflacionado pelo INPC. (10) Pessoal ocupado na produção. (11) Deflacionado pelo INPC. (12) Variação no mês. (13) Variação anualizada. (14) Variação acumulada no período de referência. O IPCA-E é divulgado ao final de cada trimestre. (15) Variação acumulada no ano. **ÍNDICE MENSAL. ***ÍNDICE TRIMESTRAL.

SÍNTESE DE INDICADORES SOCIAIS

1999



Dados estatísticos sobre aspectos demográficos, saúde, rendimento, educação e trabalho, além das condições socioeconômicas de crianças, adolescentes, jovens e idosos, acompanhados de breves comentários sobre as desigualdades observadas nos diferentes estratos da população, você encontra na Síntese de Indicadores Sociais - edição 1999.

Contém informações organizadas sob a forma de tabelas, gráficos e cartogramas, incluindo bibliografia e glossário de termos e conceitos.

► **Adquira um exemplar da Síntese** - esta publicação atende a recomendações internacionais e contribui para a compreensão da realidade nacional e o monitoramento de políticas sociais.

IBGE

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES
Div. de Comercialização • R. Gal. Canabarro 706 • 2º and. • 20271-201 • Maracanã • RJ
Tel.: (021) 569-2043 • Ramais 118, 119 e 137 • Fax/Tel.: (021) 569-4690
Ligação Direta Gratuita: 0800-218181

Informe-se no IBGE mais próximo de você.

0800-218181
<http://www.ibge.gov.br>
<http://www.ibge.org>

CARTA IBGE

Publicação Mensal IBGE
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Produção CGC
Coordenação Geral de Comunicação Social
Av. Franklin Roosevelt, 166 • 9º andar
Castelo • 20021-120 • Rio de Janeiro • RJ
Tel.: (021) 514-4651 • Fax: (021) 220-6521
Internet <http://www.ibge.gov.br>
E-mail cartaibge@ibge.gov.br
Impressão e Circulação CDDI
Centro de Documentação e Disseminação
de Informações

Editora Responsável
Maria Léa Aguiar (Reg. Prof. nº 10.625 MTb-SP)
Assistentes
Fátima Santos e Sheila Riera
Projeto Gráfico e Edição Paulo Weissenberg
Publicidade Lúcia Guimarães

Carta IBGE é um projeto integrado do qual participam, ainda, a Diretoria de Pesquisas (Francisco Alchorne), a Diretoria de Geociências (Angelo Pavan) e o CDDI (Delfim Teixeira).
Tiragem 8.000 exemplares
Nesta edição foram utilizados dados disponíveis até 09/03/2000

Entregue aos Correios até o dia 30/06/2000